

JUVENTUDES LGBTQIAPN+: NARRATIVAS DE FORMAÇÃO NA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO¹

Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti ²

João Pedro Fradique de Lima ³

RESUMO

O presente trabalho é um recorte de um estudo mais amplo, desenvolvido em um dos campi da Rede Federal de Ensino, no contexto alagoano, na modalidade de Iniciação Científica. A pesquisa “Juventudes LGBTQIAPN+: performatividades e narrativas de formação profissional na Rede Federal de Ensino”, iniciada em setembro de 2024 e finalizada em agosto de 2025, cuja centralidade se presta a compreender o percurso formativo por que passam discentes da comunidade LGBTQIAPN+, matriculados/as nas séries finais do Ensino Médio Integrado (EMI), acerca do currículo que lhes é ofertado e a sua interlocução com o mundo do trabalho. De natureza qualitativa, mobiliza análises sobre os processos formativos discentes em face de métodos integrativos, dentre eles: análise documental, estudo de caso, técnicas destinadas à geração de dados em grupos focais, com relatos autobiográficos. A investigação se inscreve numa perspectiva de estudos transdisciplinares, mobilizando, de forma emaranhada e transgressiva, saberes ligados à Educação, Linguística Aplicada Queer/Cu-ir e Sociologia da Educação. Numa abordagem pós-estruturalista de estudos linguísticos e sociais, conjugam-se conhecimentos científicos e empíricos, que trata da escola como uma instituição (re)produtora de micropoderes, de modo que os corpos e as suas vivências rompem com aquilo imposto pelo CISTema e com o que é proveniente da heteronormatividade compulsória, que os abjetam no espaço de formação profissional analisado. Apoiamo-nos na Linguística Aplicada Queer/Cu-ir, intencionando analisar como os modos de dizer/fazer podem operar como mecanismos de exclusão no locus investigado, do ponto de vista sociológico, enfatizamos as Juventudes, tendo em conta os seus marcadores sociais numa perspectiva de estudos interseccionais, em vista de como esses corpos concebem o percurso formativo acessado e o seu pertencimento à comunidade LGBTQIAPN+. Os resultados têm nos levado a evidenciar um currículo cisheteronormativo, que desconsidera esses corpos em vista de suas inserções qualitativas no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Juventudes LGBTQIAPN+, Currículo Escolar, Relatos Autobiográficos, Linguística Aplicada *Queer/Cu-ir*, Formação Profissional no Ensino Médio Integrado ao Técnico

INTRODUÇÃO

¹ O presente artigo é oriundo dos achados de uma pesquisa pertencente ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvida no âmbito do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), com fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Ifal), entre os anos de 2024-2025, mais precisamente entre setembro e agosto, respectivamente.

² Doutor e Pós-Doutor em Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada. Docente efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas- Ifal, *Campus* Maceió, ricardo.cavalcanti@ifal.edu.br;

³ Graduando em Letras - Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas-Ifal, *Campus* Maceió. Atualmente, é bolsista titular PIBIC/CNPq/Ifal (2025-2026), jpfl2@aluno.ifal.edu.br.



Direcionada por uma perspectiva transdisciplinar, associando-se aos saberes dos campos da Linguística Aplicada, da Educação e da Sociologia da Educação, compreendendo a escola como um ambiente em que ações de micropoderes exercem o monitoramento de corpos/as e identidades, a pesquisa em tela se propôs a analisar as narrativas de formação elaboradas a partir de sujeitos LGBTQIAPN+, a considerar a categoria juventudes, no contexto de um dos campi da Rede Federal de Educação no Nordeste brasileiro e, mais especificamente, em Alagoas.

Quanto à natureza, assume-se como uma investigação de caráter qualitativo, adotando técnicas de geração de dados como entrevistas, grupos focais e relatos autobiográficos, bem como fazendo-se valer de estudos de caso, ação esta que se dispôs a problematizar os percursos pedagógicos formativos que têm sido desenvolvidos na Educação Profissional e Tecnológica, de nível médio, com enfoque nos recortes de Juventudes, Gênero, Sexualidade e Corpo e os seus desdobramentos.

Assim, com especial ênfase nos sujeitos pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, as atividades realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa investigaram as percepções (autodeclarações) de estudantes inseridos/as nesse ambiente de formação profissional e as suas interfaces com ações/atitudes promotoras da inclusão e, ainda que não seja o nosso intuito, atitudes contrárias a isso, na direção de captar narrativas de formação voltadas a corpos/as dissidentes. Com isso, o trabalho está filiado a uma perspectiva de estudos pós-estruturalistas de gênero, cuja consideração recai sobre os/as corpos/as abjetos/as, tomando-se como referência, para além das narrativas acessadas, o currículo escolar ofertado e os documentos institucionais que são chancelados para a concepção pedagógica desses ambientes formativos nos quais essas juventudes LGBTQIAPN+ estão inseridas.

METODOLOGIA: MÉTODO, PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS

A pesquisa em tela adotou uma abordagem qualitativa nos dizeres de Minayo (2012). No entanto, não podem deixar de se considerar que, igualmente, foram utilizados instrumentos quantitativos para a elaboração/geração de dados, a exemplo de questionários, que foram aplicados intencionando compreender as Narrativas de Formação (Josso, 2004) apresentadas pelos/as participantes da pesquisa.



O método que conduziu as ações iniciais da pesquisa também incluiu a análise documental, em um primeiro momento, e posteriormente pretendeu-se realizar estudos de caso, a fim de promover uma análise detalhada acerca do objeto em foco à luz das informações coletadas por meio da aplicação dos instrumentos de pesquisa (Lüdke e André, 1986).

Como primeiro instrumento, utilizamo-nos de um questionário semiestruturado para a obtenção de dados iniciais, que nos serviu para a organização e o planejamento de ações futuras da investigação. Os questionários aplicados, na parte estruturada, contavam de perguntas baseadas na escala de tipo Likert de 6 pontos, para uma melhor compreensão do grau de concordância ou discordância dos/as participantes em relação às perguntas/afirmações.

Além disso, por meio de uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL), realizada nas Plataformas Scielo e Google Acadêmico, intencionou-se localizar as produções já realizadas pelas temáticas, tendo nos feito valer dos seguintes descritores de busca: “Juventudes LGBTQIAPN+”; “Narrativas de formação na Rede Federal de Ensino” e “Currículo escolar e juventudes LGBTQIAP+”. Mediante a leitura introdutória, em alguns casos, e aprofundada em outros, filtramos as 25 produções encontradas no Google Acadêmico, e chegamos ao número final de 2 produções de relevo para composição também do aparato teórico-conceitual da pesquisa em tela. Não foram encontradas produções relacionadas à temática, a considerar o seu recorte epistemológico, em vista dos descritores lançados, na Plataforma Scielo.

Durante o curso da investigação, desenvolvemos ações em formato de “Rodas de Conversa”, que nos possibilitaram a ampliação das dimensões das narrativas autobiográficas e das narrativas de formação dos discentes participantes da pesquisa. As rodas de conversas contaram com temas estruturados, previamente divulgados para os/as participantes, além disso contamos com perguntas anteriormente planejadas levando em conta o assunto proposto e os objetivos da pesquisa em tela.

Durante todo o curso da pesquisa, a utilização também de diários de campo e/ou diários de pesquisa, principalmente, em momentos de interação com os/as participantes do estudo, tendo em vista o atendimento aos princípios envolvidos ao estudo de caso, com a finalidade de uma compreensão mais acurada durante todo o processo de investigação, de maneira que fossem registradas as impressões, reflexões, análises e variáveis emergentes do estudo por parte do/s pesquisador/es.



As rodas de conversa, mediante a autorização e coleta de assinaturas por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), foram gravadas em formato de áudio e posteriormente transcritas com o uso de Inteligência Artificial (IA), o que possibilitou correções posteriores de forma manual pelo grupo de pesquisadores.

REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

A pesquisa em tela está localizada no entrecruzamento de diversas áreas de conhecimento, dentre, principalmente, a Linguística Aplicada *Queer/Cu-ir/* Transviada (LAQ), além de contar com a categoria ontológica das Juventudes e com os processos de Narrativas de Formação, interligados à discussão a respeito do Currículo Escolar, especialmente, em ambiente de formação profissional, como é o caso da Rede Federal de Educação.

Ao tomar como parte central da construção do referencial teórico a LAQ e as contribuições de Moita Lopes (2022), a investigação em tela se presta a questionar os processos de naturalização, cristalização e normatização dos/as corpos/as, gêneros e sexualidades mediante a utilização biopolítica de discursos psicanalíticos, médicos, legais e de uma perspectiva da moral religiosa judaico-cristã, destacando como a linguagem pode excluir corpos/as fora das normatividades, mas também pode atuar como um dispositivo de resistência.

Nesse sentido, em diálogo com categorias discutidas por Louro (2008), propomos a problematizar discursos mobilizados no processo de construção, naturalização e cristalização dos corpos/as com base na tríade sexo-gênero-desejo, principalmente, ao levar em conta que tais discursos tendem a desconsiderar aspectos culturais e sociais e suas implicações na elaboração das identidades de gênero e das sexualidades.

Na esteira das contribuições não essencialistas, não reducionistas e não naturalizantes dos sujeitos, a LAQ está filiada a uma gama de problematizações de estudos pós-estruturalistas, de cunho culturalista. Destacamos, concernente a isso, as contribuições de Butler (2003 [1990]) e a sua teoria das performatividades, posteriormente, revisitadas por estudiosos/as como Borba (2020), Gusmão (2022) e Cavalcanti, Fradique e Gonzaga (2024), entre outros/as, além de estudos foucaultianos sobre as relações de poder, que se fazem presentes, constantemente, nos diversos âmbitos da vida social.



Duas categorias apontadas por Butler (2003 [1990]) e nos são caras nos processos de análise carecem de aprofundamento. A esse respeito, a Performance é aqui entendida como um conjunto de atos corpóreo-discursivos que mobilizam recursos tanto semióticos quanto linguísticos para situar a identidade do sujeito em um dado contexto social (Cavalcanti, Fradique e Gonzaga, 2024). A Performance deve dialogar com critérios de legibilidade instaurados na memória social, seja para replicar os significados previamente estabelecidos naquele conjunto de atos ou para romper com esses significados (Gusmão, 2022).

A Performatividade, por seu turno, pode ser compreendida como uma estrutura rígida “um conjunto de limitações aos atos performativos, e, por conseguinte, de seus corpos, comportamentos e atos discursivos” (Cavalcanti; Fradique; Gonzaga, 2024, p.5), uma estrutura externa ao sujeito que, coercitivamente, regula os contornos performáticos dos indivíduos na tentativa de enquadrá-los dentro dos parâmetros performáticos socialmente pré-estabelecidos, legitimados e naturalizados.

Ainda nessa perspectiva não reducionista dos sujeitos, estamos apoiados nas contribuições de Peralva (1997) e Dayrell (2003) no que diz respeito à categoria ontológica das Juventudes. Por conseguinte, faz-se necessária a compreensão das Juventudes e dos/as jovens como uma categoria de sujeitos plurais, atravessados por discursos que legitimam ou deslegitimam suas práticas sociais e existências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, problematizamos questões que vieram à tona durante as rodas de conversa desenvolvidas, intencionando compreender os percursos formativos por que passaram os/as participantes da pesquisa que compõem uma parcela das Juventudes LGBTQIAPN+ e frequentam um dos *campi* da Rede Federal de Educação no estado de Alagoas.

Lamentavelmente, mas não surpreendentemente, repetiram-se relatos, tanto nos questionários semiestruturados aplicados quanto nas rodas de conversa, voltados a situações de LGBTQIAPN+fobia institucionalizada no ambiente escolar onde estudam, que vão desde tratamentos desiguais por parte de funcionário/as terceirizados/as para com casais homoafetivos em comparação ao tratamento dado a casais heterossexuais. Isso se materializa quando algumas posturas são efetivadas no sentido de intervir, exclusivamente, a casais homoafetivos com a desculpa que as aproximações violam o



regimento de conduta desse ambiente escolar, até levando a uma forma de perseguição sistemática de discentes por um representante do corpo docente.

Relato do/a participante 1- turno matutino, roda de conversa 1

“É::: eu tava com uma menina aí olha, eu dei um beijo nela. dei um beijo nela. aí do outro lado tinha até outro casal do outro lado que dava se beijando, um casal hétero e a mulher vem falar com a gente olha “isso aqui não pode não tá isso não pode” aí eu falei. Como assim, não pode? Aí ela falou é porque não pode aí eu falei **“e aquele casal ali se beijando?”** aí ela olhou assim de volta aí ficou encarando aí ela falou, **“é porque... hmm...”** aí ficou sem saber o que falar e depois assim não, mas assim mulher falou **“eu tenho até amigos que são”** ela falou exatamente isso. “eu tenho até amigos que são”.

Fonte: Dados da Pesquisa Juventudes LGBTQIAPN+, 2025 (grifos nossos).

Ademais, ao fim dessa mesma roda de conversa promovida, um/a outro/a participante lembrou e relatou uma outra situação que presenciou em sua turma por meio da qual um docente humilhou publicamente um discente pelo fato ter lido características que reconhecia como femininas e, portanto, não condizentes com as performances socialmente esperadas de um indivíduo socialmente lido como homem.

Relato do/a participante 2 - turno matutino, roda de conversa 1

[...] aí teve outra aula que ele falou que ele tava imitando um menino, não é que ele estava imitando, mas ele tava. Enfim, **ele tava tentando fazer alguma coisa ali que ele começou a afinar a voz, aí faz alguma coisa mais anasalada, essas coisas, fazer umas coisas assim com a mão como se fosse aquele menino falando com o pai dele.** O menino, ele não é desse jeito, mas aí ele fez assim.

Ele viu algum ponto que ele considerou o feminino naquele menino e ele começou a fazer como se fosse uma caricatura que se transformou em piada. **Outra vez com esse mesmo menino é::: o menino tava lá, olhando a sala que a gente mudou de sala e disse “ai essa sala é tão se ela é tão confortável”** aí, meu professor olhou assim pra ele perguntou, **“tu é gay?”** aí eu fiquei hoje. Como assim?

Fonte: Dados da Pesquisa Juventudes LGBTQIAPN+, 2025 (grifos nossos)

No relato disposto, fica evidente que, de maneira sistemática, violenta e pública, um dos docentes cria um constrangimento para um estudante, na presença de seus/suas colegas de turma, ao mimetizar de forma caricata suas performances consideradas inadequadas, numa tentativa de realizar um trabalho pedagógico para inseri-lo dentro dos limites normalizados e legitimados dos comportamentos socialmente atribuídos à um sujeito lido socialmente como homem (Louro, 2000).



Durante a segunda roda de conversa, realizada no turno vespertino do mesmo dia, falas de uma participante recém-chegada à primeira série do EMI traz, em seu relato, que um/a dos/as professores/as, da área profissional, por vezes, ignorava ou não respondia aos questionamentos de estudantes do gênero feminino, pois acreditava que elas não estariam realizando uma formação profissional na intenção de exercer a profissão como técnica, de nível médio, no mundo do trabalho.

Relato do/a participante 4 - turno vespertino

[...]É sempre falando “o cara”, “o cara isso”, “o cara aquilo”, mas assim é teve uma situação... o meu... que foi **pro professor elogiar, me elogiar com o que eu estava fazendo.**

Ele precisou depreciar todas::: as habilidades de todas as outras alunas, pra conseguir me elogiar tipo assim... É::: “As meninas não fazem isso, não conseguem fazer aquilo.” e não sei o quê.

Ele responde perguntas dos meninos, ele às vezes vai dar uma ajuda às meninas, mas ele evita por conta que ele acredita, dá pra perceber,

Ele acredita que elas não::: não vão me atrás de fazer o curso para exercer.

Fonte: Dados da Pesquisa Juventudes LGBTQIAPN+, 2025 (grifos nossos).

A atuação do/a professor/a relatada pela/o participante demonstra uma prática docente excludente, que reforça estereótipos de gênero e contribuí, mesmo que indiretamente, para uma desqualificação e descrédito das profissionais da área, uma vez que não atende a demandas dessa parcela de discentes, pois acredita que não seguirão na área e, ainda, mais gravemente, por ser uma postura apresentada publicamente, desqualifica essa parcela de estudantes.

CONSIDERAÇÕES, QUE NÃO SE TENHAM COMO FINAIS

Antes de introduzir as considerações a respeito dos dados discutidos neste artigo, faz-se necessário explicitar que a atuação dos autores não se limitou a discussões acadêmicas sobre a temática, uma vez que, ainda na pesquisa anterior, intitulada “Performatividades LGBTQIAPN+: narrativas autobiográficas e percepções sobre o mundo do trabalho”, articulados com o Núcleo de Gênero, Diversidade e Sexualidade (Nugedis) e com Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Corpo, Gênero, Diversidade e Inclusão (Digeneri - CNPq/Ifal), temos nos mobilizado esforços, desde 2023, para a organização de eventos que discutam as temáticas de gênero e sexualidade na instituição, a considerar a realização do I e do II Ciclo (Auto)Formativo de Gênero, Diversidade e Sexualidade, onde contamos com significativa participação discente e docente e com as ilustres presenças de pesquisadoras renomadas nos estudos ligados a gênero, diversidade



e sexualidade na escola, tensionando, assim, reflexões a respeito do currículo escolar a todos/as os/as presentes nesses momentos.

No curso investigativo, em conta da nossa Revisão Sistemática de Literatura (RSL), ficou evidente a lacuna de produções acadêmicas que se prestem à compreensão das narrativas de formação das Juventudes LGBTQIAPN+, que estão matriculadas na Rede Federal de Ensino e dela fazem parte, bem como as relações de acolhimento ou não no ambiente escolar, que podem resultar em processos de exclusão desses sujeitos nesse locus investigativo, cujo cerne se propõe a uma educação de ensino com enfoque na formação humana integral.

Com efeito, revela-se urgente a necessidade de promoção de ações formativas para docentes e equipes de apoio escolares na consideração do debate qualificado e propositivo de aspectos envolvidos a sobre gênero, à sexualidade e também às interseccionalidades, de modo a ampliar os protocolos de combate às manifestações LGBTQIAPN+fóbicas, que, lamentavelmente, ocorrem, com alguma frequência, no contexto escolar investigado por agentes diversos/as.

Ainda no que tange às ações de combate, percebeu-se também a necessidade de uma articulação entre os diferentes setores que compõem a escola: Saúde, Assistência Social, no enaltecimento dos Direitos Humanos, a fim de promover uma abordagem integrada e mais ampla dos públicos que têm tido contato com essas violências, bem como desenvolver políticas públicas voltadas ao currículo escolar, que considerem as perspectivas diversas que essas áreas do conhecimento apresentam, tanto da formação geral quanto da formação profissional, promovendo, de fato, a sua integração.

Vale destacar, ainda, que discussão acerca de tais políticas públicas voltada ao público em foco de nossa investigação perpassa, para além de ações responsivas e dialogadas, por um campo de reflexão, revisão e ampliação sobre o currículo escolar, com o propósito de que essas temáticas possam lhe ser incorporadas de modo transversal e orgânico.

Por fim, a fecundidade do tema permite-nos afirmar o fosso que os achados têm revelado/subsidiado e, nessa mesma direção, podem revelar/subsidiar a partir da produção de outros manuscritos acadêmicos, em momentos futuros, como os que vimos a fazer, além da proposição de ações formativas nessa direção, além da garantia do diálogo com colegas pesquisadores/as da temática por meio de participação em eventos acadêmico-científicos voltados aos estudos de língua(gem) e aos campos da Educação, da Linguística Aplicada e do Ensino.



REFERÊNCIAS

BORBA, Rodrigo. Falantxs Transviadxs: Linguística Queer e performatividades monstruosas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 388–409, 2020. DOI: 10.26512/les.v21i2.35211. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35211> Acesso em: 10 dez. 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa; FRADIQUE, João Pedro; GONZAGA, Gustavo Matheus Moreira de. Performatividades LGBTQI+: percepções de estudantes no ensino médio integrado e a formação para o mundo do trabalho. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 13** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 1-12, set. 2024. Disponível em: <https://www.fg2024.eventos.dype.com.br/anais/trabalhos/lista#R>. Acesso em: 05 set. 2024.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 1, n. 24, p. 40-52, dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 set. 2024.

GUSMÃO, Rony. Entre a performance e a performatividade: (Re)visitando o gênero pelo campo da memória. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 316–340, 2022. DOI: 10.9771/cgd.v8i2.48508. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/48508>. Acesso em: 4 mar. 2024.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (organizadora). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, [S.L.], v. 2, n. 19, p. 17-23, agosto de 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSqYvVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, etapas e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, março de 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/> Acesso em: 29 jun. 2024.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2022.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 6, n. 5, p. 15, dez. 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24781997000200003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 20 set. 2024.

